

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM FOCO¹

The University Extension in Focus

Denizalde Pereira²
Maria Ivonete de Souza³

Resumo: Nossa escolha metodológica da Extensão Universitária, como base estrutural para a formulação de concepções e métodos para a Pesquisa e o Ensino, está assentada na leitura que fazemos da realidade educacional, com a qual formulamos duas críticas fundamentais: a dívida histórica da Universidade para com a sociedade e a crise educacional sentida em todos os níveis de ensino. A Extensão, historicamente, dirigiu professores e estudantes, com algum saber elaborado, a devolver parte dos investimentos sociais à própria sociedade. Pensamos uma proposta que supere os limites da burocracia acadêmica, que coloque os educandos universitários em imediata situação de descoberta, de articulação com o encontro entre realidade e conhecimentos. Buscamos, portanto, nosso referencial teórico-metodológico na Pesquisa-Ação, fundamentalmente nas concepções de Michel Thiollent. Concretamente, trabalhamos em projetos oriundos de demandas sociais da vida comunitária em ambientes urbanos e rurais. Dessas práticas, resultaram três projetos extensionistas. A participação dos nossos estudantes da Unemat, colaboradores de outras universidades e da sociedade civil, na direção das Redes, na concepção de Fritjof Capra, tem resultado em diversos trabalhos de comunicação científica, publicações, Monografias e Dissertações. Esse conjunto evoluiu, chegando, ao final de 2014, constituído como um Grupo de Pesquisa em Educação Agroecológica no Contexto Amazônico, pesquisando realidades, na medida em que trabalha pela transformação das mesmas.

Palavras-chave: Extensão Universitária – Indissociabilidade - Aprendizagem por Projetos

Abstract: Our methodological choice of University Extension as a structural basis for the formulation of concepts and methods for Research and Teaching sits on our perception of the educational reality. We formulated two fundamental criticisms: the historical debt of the University to society and the educational crisis felt at all levels of education. University Extension historically led teachers and students with some elaborated knowledge to pay back to society part of society's own investment. We formulate a proposal that exceeds the limits of academic bureaucracy and places

¹ Parte desse artigo foi aproveitado, com modificações, de um texto-base sugerido em uma Mesa Redonda no 5º. CBEU. Trata-se das reflexões que tínhamos até aquele momento, que se desenvolveram e se aprofundaram. O texto, sob o título "Canteiros de Sabores e Saberes", é de autoria de Denizalde Pereira, Maria Ivonete de Souza e Hélio Vieira Júnior.

² Prof. Dr. Denizalde J. R. Pereira, Curso de Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas (FACET), Campus de Sinop, MT. Rua Veneza, 942. Jd. Itália II. Sinop, MT. CEP: 78555-404. denizalde@terra.com.br

³ Prof.a Dr.a Maria Ivonete de Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Campus de Sinop, MT. Rua Bela Vista, 1941, Bairro Boa Vista. Sinop, MT. CEP: 78.555-787. mariaivonetede@gmail.com

academic students in the immediate situation of discovering and articulating reality and knowledge. Therefore, our theoretical and methodological framework is Action Research, primarily in the sense of Michel Thiollent. We worked on projects coming from social demands of the community life in urban and rural environments. Of these practices, resulted three extension projects. The participation of our students (Unemat), collaborators from other universities and civil society toward the Nets, according to Fritjof Capra, has resulted in the production of undergraduate monographs, papers, and Master dissertations. This set has evolved to the constitution of the Research Education Group in Agroecology in the context of Amazon, at the end of 2014, which develops researchers upon realities at the same time in which works to transform them.

Keywords: University Extension – Inseparability of Teaching, Research and Extension - Learning Projects

Introdução

A vida acadêmica é, certamente, bastante trabalhosa; e, por isso mesmo, contagiante e desafiadora. Muitos sonhos que embalamos, desde os primeiros contatos com a Universidade, ainda nos tempos de estudantes de graduação, ressurgem em nossas novas trajetórias com um horizonte de possibilidades práticas que nos impulsiona a ir além do que supúnhamos.

Em 25 de outubro de 2011, durante a 4ª Jornada Científica da UNEMAT, na cidade de Cáceres, MT, onde se situa a Sede da universidade, tivemos o imenso prazer de saborear as sábias palavras do Prof. Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib (Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários – UNICAMP). À época, já vínhamos ensaiando nossos primeiros passos com o Projeto de Extensão Universitária: “Canteiros de Sabores e Saberes”.

Nossa formação juvenil, situada no campo do que hoje chamamos de “humanismo”, já nos indicava a urgência da construção de uma universidade socialmente referenciada, que atendesse às necessidades da maioria da população. Ainda que o mundo tenha dado voltas, que os novos paradigmas de produção fabril do capitalismo globalizado tenham imposto formas de produtividade que nos causaram sensações de distanciamento de nossos mais profundos compromissos com uma universidade humana, o sonho se manteve recluso, mas vivo e desejanço. E a conferência do professor Mohamed nos impulsionou com considerável força na direção do resgate da antiga utopia universitária; era, então, início dos 80: redemocratização do país, surgimento de grandes organizações operárias, visão de que a Universidade pudesse ser vanguarda de processos sociais de grande visibilidade. Com bastante propriedade, de quem conduzia a Extensão Universitária de uma das maiores universidades da América Latina, o professor enunciou com veemência: o Ensino e a Pesquisa devem começar a partir das demandas construídas pela Extensão Universitária junto às populações – não exatamente com essas palavras, mas com esse sentido. Nossas reflexões já apontavam nessa direção, ao que, a partir daí, intensificamos e fizemos disso um princípio metodológico: a definição de indissociabilidade como sendo Extensão-Pesquisa-Ensino. O resultado prático dessa definição foi que assumimos coordenações de importantes atividades extensionistas na universidade, buscando sempre o estabelecimento de relações com a Pesquisa e o Ensino, através do Projeto de Extensão Universitária “Canteiros de Sabores e Saberes”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Projeto “Educação Científica, Agroecológica e Cultural do Campo” (Programa Novos Talentos – CAPES/UNEMAT). Como forma de coroamento deste processo, recentemente, criamos o Grupo de Pesquisa em Educação

Agroecológica no Contexto Amazônico (CNPq), que tem como fulcro pesquisar as articulações socioculturais, educacionais, econômicas e ambientais da parte da região amazônica – que nos é próxima – e as possibilidades que a universidade possa ter de construir, junto à juventude trabalhadora rural, no campo da educação, em níveis básicos e superior.

Pela natureza dos princípios e concepções acima citados, encontramos, nos métodos participativos, as referências teórico-metodológicas que entendemos amparar nossas ações. As experiências da “Escola da Ponte” (PACHECO, 2005) e da “Escola Sem Muros” (BREMER & MOSCHISKER, 1975) se somaram aos métodos de “Aprendizagem por Projetos” (FAGUNDES, SATO & MAÇADA, 1999) e “A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho” (HERNÁNDEZ & VENTURA, 1998), no plano prático; e aos métodos de Pesquisa-Ação, conformem se apresentam em Barbier (2004) e Thiollent (1987), no plano teórico.

Os resultados práticos têm se mostrado profundamente animadores. Além dos resultados imediatos, junto às populações engajadas nesse processo, podemos falar de uma certa emancipação de estudantes universitários à condição de iniciados na prática científica, na medida em que os diversos trabalhos aqui descritos resultaram em publicações, comunicações científicas, Trabalhos de Conclusão de Curso, premiações por mérito.

No campo da pesquisa científica, o grupo de pesquisadores envolvidos vem amadurecendo suas concepções e fazendo suas primeiras formulações na direção de um salto qualitativo perseguido desde o princípio, a saber, a construção de paradigmas que possam contribuir com um debate coletivo na Universidade, na direção da superação de um dos seus principais problemas: o nível de formação profissional da juventude universitária para enfrentar a realidade social, em especial, em um mundo cada vez mais competitivo e tecnicista, que tem levado uma parte considerável desse contingente a experimentar situações de fracasso.

O texto do presente artigo se constitui de uma síntese dos textos dos três projetos aqui citados e dos respectivos relatórios internos.

Leitura Diagnóstica

O historiador Valério Arcary (2014) publicou um artigo em um blog, que divulga a produção teórica marxista no Brasil contemporâneo, “Marxismo21”, que inicia com um pensamento creditado à “Sabedoria popular japonesa: Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha, sofrerá também uma derrota. Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas”.

Dessa forma, uma leitura justa da realidade educacional brasileira, deve partir dos sintomas, dos problemas contingenciais, aqueles que, por força das circunstâncias, passaram a se mostrar como inequívocos, inegáveis, sobre os quais se devem travar batalhas em busca de superação.

A Educação no Brasil tem sido tema de merecido destaque, particularmente na última década. Infelizmente, o referido destaque não enseja motivos de alegria, senão de grandes preocupações. Os paradigmas historicamente hegemônicos (ensino baseado em exposições explorando quase que exclusivamente a memória), que funcionaram com algum grau de êxito em tempos mais ou menos distantes, demonstram, nos tempos atuais, sinais de grande debilidade.

Mesmo a gama de propostas didático-pedagógicas construídas pelo conjunto de Pesquisadores brasileiros, a maioria com destacada participação em nível internacional, tampouco consegue tornar consecutivos seus objetivos, na medida em que o paradigma hegemônico se impõe de modo imperial, gerando sempre grandes desconfianças na base do sistema escolar oficial, qual seja, direções de escolas, professores, alunos, comunidade.

Por mais que a Ciência da Educação aponte a urgência de se valorizar no trabalho de sala de aula os conhecimentos prévios dos educandos, bem como a diversidade de expressões culturais aí existentes, com algum esforço, o que se consegue é apartar tais conhecimentos em momentos distintos, ou seja, a sala de aula atravessa praticamente incólume o processo educacional. Um possível trabalho com “Capoeira” ou “Break”, por exemplo, na escola se restringe ao pátio, dificilmente chega às salas de aula de Biologia, de Matemática, de Geografia ou de História; ainda que a Capoeira tenha sido criada por escravos africanos em solo brasileiro, ainda que estes tenham sido capturados em um determinado período histórico, onde o mundo tinha uma determinada ordem econômica dominante, ainda que o continente africano esteja abaixo, em nossos mapas oficiais, em relação à Europa, ainda que seja banhado por vários mares e oceanos, ainda que o conceito de continente seja distinto de país, estado, província, cantão. Apenas um singelo exemplo do quanto nossa escola se encontra blindada para receber e reconhecer em suas formas de organização tradicionais os conhecimentos que, embora ditos “científicos”, não se configuram além de conhecimentos “escolares”, remetendo-nos a pensar a escola como produtora de burocracias, que se revelam em fracasso quando os estudantes, fundamentalmente os oriundos das classes subalternas, têm de se deparar com os exames vestibulares e congêneres.

O entusiasmo que os educadores e educadoras tiveram em passado recente, acerca da esperança que as metodologias alternativas pareciam sugerir, foi sendo substituído por uma desconfortável sensação de impotência, na medida em que tais propostas jamais desencadearam processos mais amplos, não se tornaram políticas públicas transformadoras. As poucas experiências que obtiveram algum êxito são sempre lembradas como “o jeito do professor”, jamais como um paradigma possível de ser irradiado e implantado como proposta. Porém, o resultado de tais esforços foram sistematicamente distorcidos por sucessivas políticas públicas tecnocratas que, ao transfigurar o conceito de “formação continuada” de Paulo Freire em “aprovação automática”, impuseram a urgência por novas pesquisas fulcradas na realidade social, ou seja, construídas de modo participativo e não apenas aplicadas.

Já, há algum tempo, ocupamo-nos em pensar a severa crise da Educação no país. É doloroso para os educadores a sensação de impotência diante de tantas tentativas e o recorrente fracasso, não exatamente dos educandos, mas fundamentalmente das situações a eles propiciadas. Tudo isso talvez permanecesse no campo que, equivocadamente, muitos chamam de “teórico”, quando a teoria, desde um ponto de vista da dialética materialista, só adquire estatuto como tal no campo eminentemente prático, se tais contradições jamais adentrassem nossas casas.

Tivemos experiências questões dessa natureza, quando pessoas próximas demonstraram sinais de fracasso diante da estrutura aqui posta; alunos universitários, por exemplo, que cursaram apenas alguns anos do Ensino Fundamental, quando a vida de filhos das classes trabalhadoras os convocou precocemente ao trabalho. Em um dado momento de suas vidas, resolveram prosseguir e adentraram no Ensino Superior. Em pouco tempo, a realidade já havia lhes batido à porta: os índices de evasão nos cursos de nossas universidades têm se demonstrado alarmantes. Um conjunto de educadores, que já vinha pensando processos mais globais, tomou essa realidade como um

grande desafio em seus campos profissionais. A seguinte pergunta tornou-se contingencial: Ensinamos a Ciência da Educação na Universidade, mas não conseguimos fazer algo concreto nem pelos nossos? Daí em diante, desencadeamos um processo de busca de soluções nos campos teórico e prático.

A natureza, a floresta, nos sugere mais do que riqueza natural. Ernst Gotsh (2002) já demonstrou, ao recuperar florestas, consorciando várias espécies, que a natureza tem um sentido ainda pouco explorado, da cooperação, e não de concorrência. Não nos demoramos em antever que não poderíamos fazer algo pelos mais próximos se não fizéssemos por outros tantos, que se ressentem diante da máquina burocrática que atua impiedosamente em nosso meio universitário. Mas como enfrentar essa tradição excludente, que sinaliza favoravelmente à constituição de uma gerência para os diferentes setores do sistema capitalista, em detrimento daqueles que possuem características incompatíveis com o modo de ser desse mesmo sistema?

Bernard Charlot (2000) nos indica que os saberes são construídos com educadores e educandos também de forma cooperativa, logo a Extensão tradicional pretensamente já elaborada perde a dimensão do aprendizado que o educador pode obter em favor de seu ensino com aqueles que julga poder auxiliar. Nossos trabalhos extensionistas e de pesquisa têm apontado, por exemplo, que estudantes das ciências tidas como “exatas” terão maiores chances de se encaminhar na direção de conteúdos das ciências da natureza quanto mais estiverem em regime de cooperação, atuando em projetos oriundos de demandas sociais, concretas, em conjunto com estudantes de Engenharia Civil, Engenharia Florestal, Agronomia, Biologia, Direito, por exemplo. Entendemos que a tarefa de enfrentar as situações que geram fracasso na Educação deve ser pensada de forma conjunta pela própria sociedade; à frente, as universidades e órgãos governamentais de ação direta e de fomento. Dessa forma, buscamos parceiros em profissionais e projetos de Extensão e Pesquisa em andamento da UNEMAT, UFMT, ONGs, faculdades particulares, atuando em regime de cooperação. Reivindicamos, portanto, o conceito de “Redes”, no sentido de Fritjof Capra (2002). A constituição das Redes se dá tanto do ponto de vista de pessoas e de organismos, como pela forma de existência social dessas mesmas pessoas e organismos, ou seja, pela Rede de conceitos teóricos com que essas se relacionam. Uma vez que as Redes sejam criadas, cabe à operação de Ensino, na Universidade, reorganizá-las pelas formas socialmente consagradas, o que costumeiramente se tem chamado de “Ciências”.

Indissociabilidade: Extensão-Pesquisa-Ensino

A Universidade brasileira vive uma profunda crise paradigmática que é mais visível no campo do Ensino, no entanto possui profundas raízes na Extensão e na Pesquisa, como reflexo. Se buscarmos saber os princípios norteadores de qualquer universidade, invariavelmente haveremos de nos deparar com um belo conceito que enfeita as páginas dos Estatutos oficiais: indissociabilidade. A indissociabilidade se realiza na universidade muito mais como conceito de equilíbrio de distribuição de recursos, garantindo que as instituições de Ensino superior promovam também Extensão e Pesquisa, do que como tripé indissociável na prática, reunidos em uma expressão única: Extensão-Pesquisa-Ensino (do concreto para o abstrato).

Nossos projetos partem de duas críticas fundamentais: a dívida histórica da Universidade para com a sociedade e a crise educacional sentida em todos os níveis de ensino, geradas por um certo amálgama entre o que deveria ser a formação continuada e as distorções, visivelmente

praticadas por governos de todas as matizes políticas, da aprovação automática, que tem resultado em números que atestam um certo analfabetismo funcional que já bate às portas inclusive da Universidade brasileira. Unimos essas duas questões em um todo indissociável na medida em que elaboramos e nos dispusemos em participar de propostas extensionistas. A Extensão, historicamente, dirigiu professores e estudantes com algum saber elaborado a devolver parte dos investimentos sociais à própria sociedade. Louváveis iniciativas, mas sempre se restringiram a poucos projetos de pesquisa com os melhores alunos e dos últimos semestres. Vale lembrar, ainda, de uma certa tendência histórica que tem por pressuposto a transmissão de conhecimentos. Estes, posteriormente, servirão de bases para pesquisas que serão aplicadas no final do processo. A aplicação de tais resultados tem sido mediada fundamentalmente pelo mercado, ficando as populações economicamente desfavorecidas relegadas a planos inferiores. Invertamos prioridades, pondo nossos alunos diretamente em atividades práticas e extensionistas, favorecendo imediatamente partes das populações esquecidas pelos poderes públicos, dentre os quais, a própria Universidade, gerando demandas de pesquisa de caráter pré-científico, necessária passagem para a condição de pesquisador.

Assim, invertamos o sentido vetorial historicamente hegemônico: Ensino-Pesquisa-Extensão. A compreensão do que seria a Extensão passa pelo pressuposto de que a Universidade promove o Ensino, onde se transmite saber, faz Pesquisa, gerando novos conhecimentos, e então os leva às comunidades em forma de conhecimentos elaborados e passíveis de aplicação, em benefício dessas. Esse modelo tem seu domínio de validade e vem funcionando ao longo dos tempos. Estamos propondo uma inversão de sentido, começando pela Extensão Universitária, passando pela pesquisa com caráter educacional, na direção da Pesquisa Científica, para então ampliar as bases sensoriais cognitivas de nossos estudantes da Universidade, produção de “sentido” (AUSUBEL, 1982), com consequências positivas, e imediatas, no Ensino; ou, como se manifestou uma bolsista do PIBID, em uma reunião de avaliação: “Eu não consigo mais assistir às aulas de Matemática, na universidade, como assistia antes. Antes, eu apenas ouvia o professor falar, agora eu sei que eu não posso deixar de saber o que ele está ensinando, porque vai fazer falta na minha vida como professora”. Sendo assim, ainda que tenhamos promovido um deslocamento da origem do vetor, temos consciência que a metáfora cumpre uma função didática, já que, nossas referências teóricas se orientam pelo pensamento dialético, ao círculo dialético em espiral, quando tais aspectos da vida universitária fundam uma nova realidade na Extensão e giram esse círculo de forma indissociável, quando cada aspecto movimenta os demais a todo momento, Extensão com interface na Pesquisa. Promovemos, dessa forma, a possibilidade de novos métodos de ensino-aprendizagem em um ambiente mais amplo do que a sala de aula, a aplicação prática junto às comunidades de forma paulatina e em constante processo de produção de conhecimentos.

Sendo assim, nossos pressupostos teórico-metodológicos se justificam na medida em que estamos nos propondo em levar a Universidade até essas populações sob formas de projetos sociais que ataquem os problemas mais sentidos por essas. Se andarmos por qualquer bairro da periferia da cidade de Sinop, facilmente constataremos a exiguidade, por exemplo, de árvores nas praças e calçadas, em plena região considerada início da Amazônia Legal. O lençol freático de água bastante superficial, publicamente divulgado, completa um quadro de enormes problemas com a qualidade da água, fossas, poços. A demanda por educação sanitária salta aos olhos. Seguem-se problemas de higiene pessoal, trato com animais, controle de zoonoses, dengue, questões de Saúde Pública, em geral. Na realidade do campo, salta aos olhos o conjunto de necessidades emergenciais. Da mesma

forma, a crise educacional da escola básica clama pela entrada em cena de outros agentes sociais, por exemplo, de estudantes das licenciaturas.

Enfrentar esses problemas não é uma tarefa muito fácil, caso contrário, os poderes públicos já teriam resolvido. Ao contrário, o que se vê é o agravamento das relações humanas geradas, em parte, pela desestruturação global da sociedade no que possa existir de mais elementar, por exemplo, educar a sociedade a selecionar o lixo e reciclar, desonerando o planeta de um brutal desperdício de recursos e comprometimento das futuras gerações.

Por estarmos inseridos no contexto da Educação, achamos por bem prestar nossa contribuição no campo que nos diz respeito, atacando o problema de modo amplo. Há a educação do povo a ser repensada para enfrentar tais problemas e há a reeducação dos meios universitários no sentido de inserir nossos educandos rapidamente em tais realidades, contribuindo com uma possível solução, no tempo histórico, ao mesmo tempo em que a própria universidade repensa seus métodos consolidados de ensino. Se levamos em conta o que tem sido publicado sobre o desempenho de nossos jovens formados em bancos universitários e nossa experiência cotidiana com esses em salas de aulas, afirmamos categoricamente que o Ensino na Universidade sofre um problema quase crônico de falta de aprendizagem. O processo é desde sempre indissociável, não há ensino sem aprendizagem. Se os estudantes não estão aprendendo, não podemos dizer que o problema não é nosso, justificando estar fazendo a nossa parte. Em que pese a seriedade de nossos profissionais, há um problema de Método. A juventude contemporânea já não é a mesma do tempo que fomos jovens. A crise educacional é severa. Recentemente foi divulgado em meios eletrônicos que o Estado de Mato Grosso tem formado analfabetos funcionais, pessoas que chegam ao Ensino Médio, na faixa de 15 anos, sem saber ler e escrever. Daí, a relevância social do que ora propomos. Levar nossos estudantes imediatamente para o campo da prática, trabalhando em equipes de cooperação mútua, recolhendo questões da realidade, que jamais são bem comportadas tais quais a disposição axiomática das teorias abstratas dispostas nos livros, aquilo que comumente se tem chamado de "Ciência", mas que só servem para quem já sabe, ou seja, para quem não precisa delas, tornou-se contingencial.

Metodologia

Como contribuição, no sentido de superar a dicotomia aqui apontada, buscamos em Michel Thiollent (1988) e René Barbier (2004), a Pesquisa-Ação, e, em Brandão (1990), a Pesquisa Participante, nossos parceiros teórico-metodológicos. Thiollent afirma que certas correntes só consideram Pesquisa-Ação as situações em que os pesquisadores são por um grupo social específico com o objetivo de resolver um problema prático, pois esta é "orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação" (ibid. p. 7). No entanto, defende que o mais importante é que o problema prático seja de mútuo interesse: "(...) há sempre uma adequação a ser estabelecida entre as expectativas da população e as da equipe de pesquisadores. (...) Um tema que não interessar à população não poderá ser tratado de modo participativo. Um tema que não interessar aos pesquisadores não será levado a sério e eles não desempenharão um papel eficiente" (ibid. p. 51).

Segundo a linha a qual se associa Thiollent, o fundamental na Pesquisa-Ação é a existência de um foro de decisão, o "seminário": "A técnica principal, ao redor da qual as outras gravitam, é a do 'seminário'. (...) O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do

processo de investigação" (ibid. p.58). Essa técnica vem ao encontro daquilo que pensamos, quando tratamos de metodologia de Projetos, pois o essencial é o envolvimento dos sujeitos da pesquisa no projeto, não uma suposta qualidade abstrata do produto final; o produto já é desde sempre o processo. Os sujeitos entram em processo de aprendizagem imediatamente. Portanto o "seminário" onde se socializa a produção coletiva e se tomam decisões do rumo planejado pelo grupo é vital para um trabalho como o que vimos executando. No nosso caso, uma equipe multi e interdisciplinar e interinstitucional de estudantes universitários, em conjunto com a equipe de pesquisadores, se reúne para decidir sobre quais caminhos trilhar.

Outro aspecto importante caracterizado pela Pesquisa-Ação é o pressuposto da "aprendizagem" por parte da população envolvida (ibid. p. 66).: "As ações investigadas envolvem produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões, e outros aspectos supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes". Nos nossos projetos, a aprendizagem é o tema central, pois os participantes são postos automaticamente em situação de busca, na medida em que se engajam na tarefa de resolução de tarefas concretas, que impulsionem os educandos à produção de conhecimentos articulados: "A Pesquisa-Ação considera que os 'atores' sempre possuem essa capacidade de aprendizagem. Trata-se de aproveitá-la e enriquecê-la" (PEREIRA, 1995, p. 68). Como ponto final da Pesquisa-Ação é prevista a "divulgação externa". Ou seja, além dos Relatórios previstos pelas Instituições envolvidas, os trabalhos resultaram em comunicações científicas em Anais de Congressos e em Revistas científicas de área, em Monografias e Dissertações. Dos nossos projetos que envolveram, por exemplo, atividades audiovisuais, produzimos vídeos educativos de agroecologia, exibindo-os em universidades, comunidades rurais e escolas públicas. As mídias locais e cibernéticas também foram utilizadas, com matérias em jornais e televisão, reproduzidas em canais de *Internet*.

Projeto Canteiros de Sabores e Saberes

O Projeto Canteiros, desde 2010, tem cumprido seus objetivos acadêmicos para além das metas iniciais, quais sejam, a de criar condições favoráveis para que alunos universitários se insiram no pensamento científico através de atividades advindas da realidade social. Nesse tempo, conseguimos nos inserir socialmente através de parcerias com projetos universitários e associações, fazendo com que, rapidamente, estivéssemos em meio a tarefas solicitadas por grupos comunitários, fundamentalmente de bairros da periferia da cidade, em projetos de Compostagem, Horta, Arborização Urbana, por exemplo, onde atuamos em parceria com alunos da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), com a orientação de professores de áreas afins. Uma oficina de "Avaliação Fitosociológica de um Fragmento de Floresta" também foi ministrado em parceria com professores da UFMT, Unemat e pesquisadores da Embrapa.

Outro projeto que merece destaque é o de Libras. Esse projeto foi realizado por duas equipes diferentes em dois bairros da cidade. Uma das alunas de Pedagogia da Unemat veio, posteriormente, a se tornar professora de Libras, na Unemat. Como professora, assumiu, ainda, a coordenação da Oficina de Libras nos projetos do Programa Novos Talentos, em um Assentamento. Fruto desse trabalho, formulou uma proposta inédita de "Libras do Campo" a um Programa de Mestrado; não obteve aprovação, pois o Programa alegou não ter profissionais qualificados para orientar um trabalho dessa natureza, dentre outros motivos. As demais alunas de Pedagogia de outra equipe, tornaram-se professoras da rede pública, na função de intérpretes em Libras. Algumas crianças dos projetos relataram, em encontros casuais, que continuavam estudando Libras.

Em um bairro de Sinop, a partir do pedido da comunidade de um projeto de “reforço escolar”, formulamos a proposta de “Projetos de Aprendizagem”: processos de letramento, com crianças tidas como hipossuficientes pela escola e pelas respectivas famílias. Um dos principais resultados obtidos foi a aproximação das crianças do texto escrito, o que, no início, não era possível, senão contra suas vontades; barreiras criadas por um modelo de Educação autoritária e excludente. Através de metodologias construtivistas, as crianças se familiarizaram com o texto escrito e com outras manifestações textuais por meio da produção de um roteiro de um pequeno vídeo. Essa atividade foi desenvolvida em um bairro periférico por um bolsista do projeto, aluno de Letras, com participação de um grupo de alunas de Pedagogia, da Unemat. Esse trabalho veio a se constituir no projeto de pesquisa monográfica do aluno, orientado por um membro da equipe de pesquisadores do Canteiros. Destacamos que uma das crianças do projeto veio a vencer um concurso de redação entre todos os alunos de sua escola. Ao final, o aluno de Letras concluiu sua Monografia avaliada com nota máxima pela Banca Examinadora.

O projeto de Passeio Público iniciou com um pedido de uma associação de um bairro para implantação de “calçadas ecológicas”. Mobilizamos alunos de Engenharia Civil, da Unemat, com colaboração de alunos de Agronomia, Engenharia Florestal, Arquitetura e Direito, de outras instituições públicas e particulares. Os alunos de Engenharia Civil, à época, no primeiro semestre do curso, sob orientação de um professor do Departamento, construíram gratuitamente duas calçadas ecológicas, como exemplo, no bairro. Houve grande divulgação da mídia local e o trabalho de educação pôde ser estendido. Posteriormente, atuaram com novas construções em outro bairro e plantio de cerca de cem mudas de árvores, orientando os moradores sobre posição adequada, cuidados e espécies. Esse trabalho gerou uma situação favorável para que alunos de Engenharia Civil se destacassem na 5ª Conferência das Cidades, em 2013, assumindo a Comissão de Mobilidade e Acessibilidade Urbanas. Os bolsistas e extensionistas do Canteiros escreveram uma proposta de lei de Passeio Público, a partir dessas experiências concretas, passível de ser proposta como lei municipal, quando estudaram leis de importantes cidades do país como referência, por exemplo, da cidade de São Paulo, tratando de um conjunto extenso de aspectos técnicos, tais como inclinações, larguras, objetivando garantir o conceito de “continuidade”. A continuidade, em calçadas, é fundamental para que qualquer pessoa possa caminhar, sem sobressaltos. No entanto, nossos estudos demonstraram que os aspectos sociais entre vizinhanças é um fator que torna essa proposta de difícil exequibilidade. Por isso mesmo, um dos estudantes de Engenharia Civil escolheu esse aspecto como tema de sua pesquisa monográfica, buscando estabelecer aspectos técnicos que possam contribuir com a superação de tais dificuldades. Esse projeto veio a se constituir no laboratório de pesquisa monográfica de um estudante de Engenharia Civil, que, dentre outras coisas, vem desenvolvendo um site que responde com a planta baixa ideal da calçada uma vez que sejam fornecidas as medidas das larguras das calçadas nas esquinas das quadras. A pesquisa consiste em estudar se esse modelo garantiria a continuidade, caso fosse adotado institucionalmente pelo poder público local. Outra iniciativa digna de nota desse projeto, prevista em seus procedimentos metodológicos, é o envolvimento dos poderes públicos e sociedade em geral, por exemplo, um curso de capacitação de pedreiros para a confecção de calçadas ecológicas.

Das experiências obtidas em comunidades urbanas, buscamos aproximação com comunidades rurais. Um dos maiores problemas enfrentados por essas comunidades, consequência de determinadas práticas governamentais de Reforma Agrária, é a falta de assistência técnica para a produção, e a dificuldade em comercializar o pouco que produzem. A realidade que encontramos era de um grupo que produzia somente para o consumo próprio, para trocas solidárias entre

assentados e para doação a amigos e parentes que os visitavam. Nossa orientação pela constituição das Redes nos indicou a aproximação com o Instituto Ouro Verde (IOV), de Alta Floresta, MT, e seu “Sistema de Comercialização Solidária” (SISCOS). Envolvemos alunos extensionistas com esse aprendizado, resultando na criação do “Sistema Canteiros de Comercialização Sociossolidária Agroecológica (CANTASOL). Esse sistema consiste na comercialização direta de produtos do campo, isentos de agrotóxicos e de agrotóxicos, através de um site: www.cantasol.org.br. Pelo fato de termos eliminado a figura do atravessador, o resultado prático observado foi que os produtores puderam vender a preços superiores aos que eram praticados pelo mercado convencional, e os consumidores puderam comprar a preços inferiores em relação a esse mesmo mercado: produtos mais baratos e mais saudáveis. Isso só foi possível devido à atividade extensionista da universidade, na medida em que alunos se organizaram para cumprir a parte dedicada à cidade, quando a comunidade, através de uma cooperativa de assentados e da escola, organizou os produtores.

Esse projeto do Cantasol, posteriormente, foi relacionado como uma das atividades do Programa Novos Talentos, compondo parte da Oficina de Cooperativismo. O trabalho de aprendizagem por projetos foi articulado pelo conjunto de professores da escola, junto aos alunos, e os estudantes da universidade o aproveitaram para comunicação em diversos encontros de área, de abrangência regional e nacional, como, por exemplo, o Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM), realizado na cidade de Goiânia, em 2013. Dois estudantes definiram aspectos pertinentes às suas formações profissionais, Administração e Pedagogia do Campo, como objeto de pesquisa monográfica.

O projeto mais recente, iniciado em 2014, é sobre *web radio*. Uma aluna de Letras e um aluno de Licenciatura em Computação, da Unemat, trabalham juntos em uma atividade do Pibid/Interdisciplinaridade da Unemat, em uma escola da rede pública. Esse projeto é tema de pesquisa monográfica desses dois alunos, sob nossa orientação. Resultados parciais desse projeto foram objeto de comunicação científica em evento nacional da área de Letras, em 2014.

Por fim, no campo acadêmico, destaca-se a participação do coordenador do Projeto Canteiros na Mesa Redonda denominada “Tertúlia”, no 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), na Ufrgs, Porto Alegre, e como Parecerista no 5º e 6º CBEU. Outro merecido destaque se remete a dois bolsistas do Canteiros, que conquistaram o primeiro lugar na avaliação de todos os projetos de Extensão no Seminário de Extensão Universitária (SEMEX), na Unemat em Cáceres, MT, em 2013.

No campo das implicações diretas no Ensino, a atividade de Horta serviu como projeto de aprendizagem em parceria com o Canteiros, através de sua Coordenação e dos bolsistas, com uma disciplina de Matemática Básica do Curso de Licenciatura em Pedagogia para Educadores do Campo (CAPES/UNEMAT), em Sinop.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – CAPES

Coordenamos o Pibid de Matemática da Unemat/Sinop nos anos de 2012 e 2013. A parceria foi com uma escola pública de um bairro periférico de Sinop. Contamos com dez bolsas para estudantes que auxiliavam em todas as instâncias da escola, como forma de desenvolver a sensibilidade necessária para atuação profissional. Os alunos contribuíam com os professores, atuando como monitores em sala de aula, preparavam materiais estruturados, jogos didáticos, sequências didáticas, e apresentavam aos professores para receber contribuições. Posteriormente,

sob a supervisão dos regentes das turmas, aplicavam esses materiais, como forma de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da Matemática e como forma de produzir sua própria formação profissional. Os projetos das escolas também contaram com a participação dos bolsistas, inclusive em forma de proposição e de execução, como o projeto de Horta Pedagógica, para alunos da Sala de Recursos, com a colaboração de alunos de Agronomia, da UFMT. Por atuarmos em disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado na universidade, pudemos constatar que vários alunos pibidianos se destacavam em relação aos demais colegas do curso, pela experiência que adquiriram no processo.

Dos trabalhos no Pibid, além do imediato, a iniciação à docência, os alunos deram seus primeiros passos na direção da prática científica. Diversos trabalhos científicos foram apresentados pelos bolsistas em eventos da Unemat em Sinop, e em Cáceres, onde se situa a Sede da Unemat. Em um evento de Matemática, em que os trabalhos foram julgados e premiados, dois bolsistas conquistaram os primeiros lugares. Outros dois bolsistas realizaram suas Monografias em temáticas oriundas das atividades do Pibid, em 2014, e um aluno de Matemática estudou formas de relacionamento entre as atividades do Canteiros e do Pibid, defendendo sua Monografia em 2013. Dos trabalhos do Pibid, foi organizado um livro em forma de artigos; destes, dois artigos são de autoria dos bolsistas da Matemática de Sinop.

Além das atividades científicas dos bolsistas, o Pibid também impulsionou as Supervisoras (professoras que representavam a escola no projeto), que apresentavam trabalhos em conjunto com os bolsistas. Em alguns casos, os próprios alunos da escola foram elevados a essa condição, como, por exemplo, no Projeto de Física e Matemática, sobre o tema “Energia Eólica”, e “Energia Solar”, classificados na Feira Municipal de Ciências, Sinop, e apresentado na Feira Estadual de Ciências, Cuiabá, MT.

Educação Científica, Agroecológica e Cultural do Campo (Programa Novos Talentos – CAPES/UNEMAT)

O Programa Novos Talentos (CAPES) possibilita às instituições universitárias públicas apresentar projetos que visem à melhoria da qualidade de ensino para escolas públicas, preferencialmente que apresentem baixo IDEB. Cada instituição, ou Campus Universitário, pode possuir um projeto, com até quatro subprojetos. Os subprojetos são compostos de Oficinas, segundo o vocabulário da Capes. Em Sinop, coube aos pesquisadores que se organizavam em torno dos projetos Canteiros e Mopec, em parceria com a Associação de Educação e Cultura Agroecológica Zumbis (AECAZ), propor um projeto para a Escola Estadual Florestan Fernandes, que fica em dois assentamentos da Reforma Agrária, no Município de Cláudia, MT, a 50 e 70 km, respectivamente, de Sinop. A escola funcionava em prédios provisórios, em condições bastante precárias e com poucos recursos, inclusive com alguns professores leigos, portadores de titulação de nível médio, mas que se encontram em fase de integralização de curso de nível superior através da Licenciatura em Pedagogia para Educadores do Campo.

Nosso projeto, intitulado Educação Científica, Agroecológica e Cultural do Campo, foi apresentado em forma de dois subprojetos que se relacionam entre si: 1) Imersão em Mundos da Ciência e da Tecnologia Sustentáveis; 2) Práticas de Letramento, Numeramento e Alfabetização. O primeiro se organizou em quatro Oficinas; o segundo, em oito. O projeto iniciado em 2014 foi reestruturado em 2015, atendendo a mais escolas do campo e a mais municípios. As Oficinas foram

coordenadas e ministradas basicamente por alunos e professores da Unemat, mas contaram com a cooperação de alunos e professores da UFMT, Sinop, e profissionais autônomos que se destacam em algum ramo da Ciência, os Colaboradores. O projeto financia uma quantidade bastante grande de itens de materiais de consumo, diárias e passagens para colaboradores externos e para garantir a Mobilidade dos participantes, que visitam instituições científicas e organismos da sociedade que desenvolvem trabalhos semelhantes aos que vêm sendo estudados nas Oficinas; a Mobilidade também viabiliza a participação de alunos e professores da escola, e de Monitores, Coordenadores e Colaboradores. Os Monitores são alunos da universidade proponente.

Elencamos, a seguir, os principais objetivos propostos: 1) despertar o interesse dos estudantes por questões básicas da Ciência e Tecnologia; 2) gerar condições concretas para que a infância e a juventude se deparem com questões ambientais e compreendam a necessidade urgente de preservação dos espaços em que vivem; 3) construir, junto com os educandos, propostas didático-pedagógicas baseadas em Metodologias de Projetos de Aprendizagem; 4) No setor universitário, gerar condições para que a juventude universitária possa construir os seus processos de aprendizagem pela ação e organização de métodos; 5) gerar situações favoráveis de Extensão e Pesquisa aos pesquisadores que sirvam de substrato à construção de novos paradigmas para a própria Universidade.

Abaixo, um breve relato sobre o conjunto das Oficinas desenvolvidas no projeto:

1. Princípios da Hidráulica, da Alavanca e Engrenagens

Nessa Oficina, para além de toda uma articulação conceitual da Física, que vem sendo trabalhada e aproveitada como elementos da educação curricular, os participantes acompanham a construção de uma Prensa Hidráulica, construída com sucata. Da parte dos Monitores, foi apresentado um Painel em evento científico de área da Unemat, Sinop. Mobilidade: os participantes visitaram o Laboratório de Física e de Solos da Unemat e a Tornearia, onde acompanharam a construção da Prensa.

2. Agricultura Sustentável: Horta, Horta Mandala e Compostagem

Essa Oficina tem servido como atividade de fomento de conteúdos curriculares, sobretudo na Biologia, Química, Física e Matemática. No campo específico das Ciências Agrárias, os participantes aprenderam técnicas agrícolas, balizadas pelo conceito de sustentabilidade. Essa atividade se constituiu como laboratório para pesquisa monográfica de colaboradores e de um Monitor. Mobilidade: os participantes visitaram a Escola Agrícola Terra Nova e a Coopernova, em Terra Nova do Norte, MT.

3. Microbiologia no Contexto de um Assentamento Rural

Essa Oficina foi de fundamental importância para que os participantes adquirissem noções básicas de cuidados com animais e de produção de alimentos, para fins de comercialização. Mobilidade: visitaram, em duas oportunidades, os Laboratórios da UFMT, Sinop. O colaborador, um professor da UFMT, relatou que o nível da Oficina foi semelhante ao que fazia com os alunos da

universidade, o que ilustra o quanto as possibilidades de produção científica se ampliam quando se tem um ambiente criativo e rico em instrumentos.

4. Ciclo de Palestras Sobre Educação e Saúde

Essa Oficina abordou problemas concretos cotidianos: doenças tropicais, tais como, dengue, malária, leishmaniose; animais peçonhentos, cobra, escorpião, aranha; cuidados com o corpo, DST, gravidez na adolescência, saneamento básico. Mobilidade: alunos e professores da escola viajaram à Sinop, onde fizeram um curso sobre Medicina Alternativa e Fitoterapia.

5. Africanidades e Cultura do Campo

Nessa Oficina, os colaboradores e Monitores trabalharam, inicialmente, “sensibilização social da consciência se ser negro”. Posteriormente, confeccionaram “Jogos Africanos”. Participação na Comunidade Acadêmica e Mobilidade: a Coordenadora da Oficina, uma professora da escola, que também era Monitora, e uma aluna da escola, apresentaram um trabalho em Natal, RN; Colaboradores e Monitores apresentaram Painel em evento científico, Belém, PA, e Sinop, MT. Duas Monitoras fizeram parte da coleta de dados de suas pesquisas monográficas nessa Oficina.

6. Produção Audiovisual

Essa Oficina mobilizou os participantes à prática de produção audiovisual, sobretudo de produção de Documentário. Mobilidade: acompanharam a Mobilidade de outras Oficinas, filmando a atividade para compor o acervo audiovisual do projeto. Participação na Comunidade Acadêmica: um Colaborador do projeto, aluno do Mestrado em Educação na UFMT, Cuiabá, MT, fez dessa Oficina seu espaço de coleta de dados; apresentou resultados em evento científico em Goiânia, GO, e em Cuiabá, MT.

7. Produção de Jornal e Fanzine

Essa Oficina desempenhou um papel fundamental na questão da articulação com os conteúdos curriculares, sobretudo da Língua Portuguesa. Participação na Comunidade Acadêmica: o Coordenador e uma professora da escola, apresentaram comunicação científica em evento de abrangência nacional.

8. Economia Sociossolidária e Cooperativismo

Além do Cantasol, os participantes estudaram concepções e formas de cooperativismo, estatutos, regulamentação legal de uma cooperativa. Mobilidade: os participantes visitaram a Escola Agrícola Terra Nova e a Coopernova. Participação na Comunidade Acadêmica: Monitores e Colaboradores apresentaram resultados dessa Oficina em eventos científicos de abrangência nacional e regional; dois estudantes fazem desse trabalho suas pesquisas monográficas, sendo um deles professor da escola.

9. LIBRAS do Campo: uma perspectiva freireana

Essa Oficina teve um certo ineditismo, já que não tínhamos literatura disponível sobre Libras do Campo. A Metodologia foi construída por uma professora da Unemat com uma perspectiva freireana, construindo as atividades em conjunto com os participantes e a partir da realidade à sua volta. Esse trabalho serviu, da parte da Colaboradora, como proposta a um programa de mestrado.

10. Capoeirar: uma abordagem pedagógica da Capoeira

Essa Oficina se constituiu a partir de uma noção tradicional de aprendizagem da Capoeira: princípios, teoria básica, os principais mestres, o ritual da Capoeira, cantigas, ladainhas; confeccionaram instrumentos musicais de Capoeira. A Oficina foi coordenada por um capoeirista profissional voluntário, e por um Monitor, também capoeirista.

11. Círculos de Leitura e Escrita e o Desenvolvimento de Práticas da Alfabetização e Letramento no/do Campo (CIRLECAMPO)

Os colaboradores e Monitores fizeram um trabalho de levantamento de pessoas não alfabetizadas na comunidade e alunos da escola com dificuldades na leitura e até mesmo de alfabetização. Os participantes levantaram temas de interesse dos alfabetizandos, numa perspectiva freireana: artesanato com tucum, artesanato com madeira e plantas medicinais. Participação na Comunidade Acadêmica: Monitores e professores da escola apresentaram trabalhos em eventos científicos em Sinop, Juara, e em evento de Direitos Humanos, em Cáceres, MT.

12. Futebol, Agricultura e Modelagem Matemática

Essa Oficina foi desenvolvida sob a coordenação de um Monitor, aluno de Engenharia Civil. Os trabalhos procuraram sempre intercalar a parte relativa a conteúdos com ludicidade, o futebol propriamente dito. Os participantes mediram o campo com instrumentos de topografia, fizeram a locação do campo, preparando para o nivelamento. Depois, fertilizaram a terra, com técnicas agrícolas e fizeram o plantio da grama. Em sala de aula, estudaram regras e teorias de futebol, inclusive de arbitragem, relacionando com questões de História, Matemática e da Língua Portuguesa. Mobilidade visitaram uma Escolinha de Futebol, Sinop, e jogaram uma partida com o time que se prepara para fazer testes no Grêmio, de Porto Alegre.

Considerações Finais

Antes de tudo, precisamos reconhecer que nosso texto guarda ares de exaustivas explicações sobre as atividades concretas, que poderiam ser melhor enxugadas em conceitos gerais que dessem a mesma ideia. No entanto, fizemos essa escolha por também reconhecer as adversidades oriundas da tradição da universidade que fizemos a crítica logo nas primeiras linhas. Consideramos importante pôr “A Extensão Universitária em Foco”, e no sentido aqui proposto, como possibilitadora de situações desde sempre integradas aos planos da Pesquisa e do Ensino. A busca pelo cumprimento das tarefas fez com que estudantes universitários se deparassem com

dificuldades em que as soluções dependiam de pensar as estruturas reais a partir de estruturas teóricas, sendo a recíproca verdadeira. A prova disso é que diversos trabalhos extensionistas se elevaram a trabalhos de pesquisa e de ensino, adentrando as salas de aula do ensino superior, e de educação básica sob formas de propostas didático-pedagógicas.

Vale ressaltar que as metodologias de “Projetos de Aprendizagem” e de “Pesquisa-Ação” foram aprendidas na prática pelos alunos extensionistas, adotadas por esses em seus projetos de pesquisas. Importante também apontar que grande parte desses alunos foram e são orientados pela equipe de pesquisadores do Canteiros, do Pibid e do Programa Novos Talentos. O resultado prático que procuramos chamar a atenção é que, pensando a Extensão Universitária de modo Indissociável de Pesquisa e Ensino, podemos ampliar as noções de “sala de aula” e de “laboratório”, fazendo do mundo real a Grande Sala de Aula, o Grande Laboratório. Temos consciência de que esse trabalho é bastante inicial para se supor conclusivo, muitos outros ainda devem derivar desses, muitas Pesquisas ainda serão necessárias. Nosso objetivo foi o de contribuir com esse grande debate, que jamais quisemos encerrá-lo, senão iniciar. O presente artigo é nossa modesta contribuição para que construamos, coletivamente, novas perspectivas para a Universidade brasileira.

Referências

ARCARY, V. Por que a esquerda socialista terá poucos votos nas eleições de 2014? Disponível em: <<http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/09/Val%C3%A9rio-Arcary-dossie.pdf>>. Acessado em: 16/11/2014

AUSUBEL, D. P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BARBIER, René. A Pesquisa-Ação. Brasília: Liber Livros, 2004.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa Participante. 5ª. ed. Nacional: Brasiliense, 1990.

BREMER, J.; MOSCHISKER, M. A Revolução Pedagógica: Escola Sem Muros: o Programa Parkway de Filadélfia. São Paulo: Ibrasa, 1975.

CAPRA, F. Alfabetização Ecológica: a Educação das Crianças Para Um Mundo Sustentável. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável: São Paulo: Cultrix, 2002.

CHARLOT, B. A Relação com o saber: conceitos e definições. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GÖTSCH, E. Entrevista com Ernst Götsch ao Jornal da Biosfera n.12 - Nov/Dez 2002. Disponível em: <<http://media0.agrofloresta.net/static/artigos/jbio/index.htm>>. Acessado em: 16/11/2014

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho, 5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PACHECO, J.F.A. Conferência Escola da Ponte: uma escola sem muros. UNESP Campus Araraquara, 2005.

_____. Guia Prático para Professores do Ensino Fundamental, 2008. Disponível em <<http://revistaguiafundamental.uol.com.br>>. Acessado em 13/05/2011.

_____. Escola da Ponte: formação e transformação da Educação. 3ª Ed. São Paulo: Vozes, 2010.

PEREIRA, D. J. R. O Papel do Significante Família no Discurso sobre Ensino e Aprendizagem da Matemática na Escola. UNESP: Rio Claro, 1995. Dissertação.

THIOLLENT, M. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. 5.a Ed. São Paulo: Polis, 1987. (Teoria e História 6)

_____. Metodologia da Pesquisa-Ação. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ZIZEK, S. Como Marx Inventou o Sintoma? In: _____. Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. pp. 297-331.

Recebido em: 27/05/2015

Aceito em: 12/06/2015